

ARTIGO ORIGINAL

ENTRE O ACESSO E A APROPRIAÇÃO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS NO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR PESSOAS IDOSAS

BETWEEN ACCESS AND APPROPRIATION: PERCEPTIONS AND CHALLENGES IN THE USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES BY OLDER PEOPLE

Sara Kado Mateus¹

Walter Richard Boot²

Paula Costa Castro³

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Bioengenharia EESC/ FMRP/ IQSC - Universidade de São Paulo (USP)

²Docente de Psicologia e Medicina na Universidade de Weill Cornell Medicine

³Docente do Curso de Gerontologia (UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Bioengenharia (USP)

Resumo

A intensificação do uso de tecnologias no cotidiano também se reflete entre pessoas idosas, ampliando possibilidades de comunicação, acesso à informação e realização de atividades diárias. Contudo, esse processo envolve entraves que podem comprometer o uso seguro e autônomo desses recursos. Este estudo teve como objetivo analisar percepções, dificuldades e medos relacionados ao uso de tecnologias digitais por pessoas idosas. Trata-se de pesquisa de abordagem mista, com 34 participantes com 60 anos ou mais, integrantes do pré-teste da etapa de evidência de validade de conteúdo da adaptação do questionário de proficiência em redes sem fio (WNPQ) para o português brasileiro. A coleta de dados foi realizada em formato impresso e online, por meio de questionário semiestruturado com informações sociodemográficas e questões sobre uso e desafios. A análise qualitativa seguiu Bardin, e a quantitativa utilizou estatísticas descritivas. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres (55,9%), com idades entre 60 e 64 anos (55,9%), ensino superior completo (52,9%) e acesso à internet via smartphone ou Wi-Fi residencial. Os resultados indicam que, apesar do acesso e da escolaridade, o uso das tecnologias é influenciado por fatores emocionais, técnicos e cognitivos.

PALAVRAS-CHAVE

Pessoas Idosas. TICs. Envelhecimento Saudável. Dificuldades. Suporte. Letramento Digital.

Abstract

The intensification of technology use in everyday life is also reflected among older adults, expanding possibilities for communication, access to information, and the performance of daily activities. However, this process involves barriers that may compromise the safe and autonomous use of these resources. This study aimed to analyze perceptions, difficulties, and fears related to the use of digital technologies among older adults. This is a mixed-methods study involving 34 participants aged 60 years or older, who took part in the pre-test phase of the content validity evidence stage of the adaptation of the Wireless Network Proficiency Questionnaire (WNPQ) into Brazilian Portuguese. Data were collected in both printed and online formats using a semi-structured questionnaire including sociodemographic information and questions about technology use and related challenges. Qualitative analysis followed Bardin's

framework, while quantitative analysis used descriptive statistics. The sample consisted predominantly of women (55,9%), aged between 60 and 64 years (55,9%), with higher education (52,9%) and access to the internet via smartphone or residential Wi-Fi. The results indicate that, despite access and educational level, technology use is influenced by emotional, technical, and cognitive factors.

KEYWORDS

Aged. ICT. Healthy Ageing. Difficulties. Support. Digital Literacy.

1 Introdução

A crescente incorporação das tecnologias digitais no cotidiano, em dimensões como comunicação, acesso a serviços, participação social e trabalho, ocorre paralelamente à inserção de pessoas com 60 anos ou mais no ambiente digital. Nesse cenário, diretrizes internacionais, como os referenciais do Envelhecimento Ativo e Envelhecimento Saudável destacam o uso das tecnologias como mecanismo de inclusão, autonomia e participação social no processo de envelhecimento (WHO, 2005; WHO, 2020).

Entretanto, esse processo não se configura de maneira homogênea, sendo atravessado por múltiplos desafios relacionados ao acesso, ao letramento digital, à compreensão do funcionamento dos dispositivos e à percepção de riscos no ambiente online (De Andrade et al., 2020).

Embora se observe um crescimento no uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) por esse público, tal inserção ainda é permeada por barreiras como os receios, medos e dificuldades em diferentes atividades durante o uso das tecnologias (Diniz et al., 2020). Tais obstáculos podem limitar a apropriação das tecnologias de forma autônoma, crítica e segura por essa população (Dos Santos Lolli; Maio, 2015).

Nesse sentido, torna-se relevante compreender não apenas o acesso, mas também as percepções, experiências e dificuldades vivenciadas por pessoas idosas durante seu uso. Ademais, estudos dessa natureza contribuem para o processo de adaptação e validação de instrumentos de proficiência digital, que buscam avaliar não apenas o acesso, mas também as competências, limitações e desafios envolvidos na interação com as tecnologias (Pessoa et al., 2024).

Apesar do avanço no acesso às tecnologias, ainda são limitados os estudos que exploram a articulação entre dimensões emocionais, operacionais e relacionais no uso dessas tecnologias por pessoas idosas, especialmente no contexto brasileiro. O estudo de Borges e Moura e Gomes (2024) apresenta resultados relevantes sobre a temática, embora, a metodologia e público-alvo sejam semelhantes, concentre-se nos principais recursos digitais utilizados por esse grupo, não abordando de forma aprofundada os aspectos subjetivos, como medos e dificuldades associados ao uso dessas tecnologias. Tal aspecto diferencia-se do presente estudo, que visa oferecer um maior detalhamento acerca das percepções relacionadas aos receios e às dificuldades vivenciadas no ambiente digital.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as percepções, dificuldades e medos relacionados ao uso de recursos digitais por pessoas idosas.

2 Método

O delineamento do estudo foi exploratório, transversal e de abordagem mista (quantitativa e qualitativa), a fim de identificar fatores associados aos medos e às dificuldades no uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) por pessoas idosas brasileiras. A amostra foi composta por 34 participantes com 60 anos ou mais, selecionados por conveniência a partir do pré-teste do processo de adaptação transcultural do

Wireless Network Proficiency Questionnaire (WNPQ) para o português brasileiro, porém visando contemplar uma variedade na amostra referente ao gênero, faixas etárias e escolaridade. Os critérios de inclusão foram: possuir 60 anos ou mais, conseguir responder às questões e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados ocorreu entre janeiro e março de 2026, sendo realizada por meio de duas modalidades: aplicação com questionário impresso (n=11) e aplicação online via formulário eletrônico (n=23). A adoção de distintas formas de coleta possibilitou a ampliação do acesso dos participantes ao estudo, considerando possíveis limitações no uso de tecnologias digitais por parte da população idosa.

Conforme Kumar et al., (2020), no âmbito de pesquisas qualitativas, o tamanho amostral de 34 participantes é considerado adequado para este modelo de abordagem, uma vez que a literatura recomenda que as amostras variam entre 20 e 30 participantes, com o mínimo recomendado de 15.

Foi utilizado um questionário semiestruturado, que contemplava dados sociodemográficos, duas perguntas base da entrevista para respostas abertas: 1) No seu dia a dia, para que utiliza as tecnologias? e 2) Quais as principais as suas dificuldades ou medos ao utilizar as tecnologias?, bem como o questionário de proficiência de redes sem fio para o português brasileiro em processo de adaptação. No presente artigo, a análise concentrou-se nos dados sociodemográficos e nas respostas referentes à segunda questão aberta.

Os dados categóricos do questionário foram digitados no Excel e analisados por meio de frequências absolutas e relativas, enquanto as variáveis contínuas foram descritas por média e desvio padrão. Para os dados qualitativos, foi empregada a análise de conteúdo de Bardin (2011), a partir das respostas às questões abertas.

Inicialmente foi realizada uma leitura flutuante das respostas abertas visando a organização do conteúdo. Em seguida, os dados foram organizados e categorizados com base em semelhanças emergentes nas falas dos participantes, permitindo a construção do quadro de códigos e a definição das categorias, que emergiram de forma indutiva. Por fim, os resultados foram interpretados de forma que possibilitou compreensão das principais dificuldades, medos e necessidades de suporte no uso das tecnologias digitais.

Quanto aos aspectos éticos, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CAAE: 90984025.5.0000.5504) e conforme parecer de aprovação nº 7.970.509/2025, e todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A Inteligência Artificial foi utilizada exclusivamente para aprimoramento da redação, visando maior coesão textual.

3 Resultados e Discussão

A tabela 1 apresenta os dados demográficos da amostra dos 34 participantes, considerando gênero, idade e escolaridade. A amostra foi constituída por mulheres representando 55,9% com idade média de 66,58 anos ($\pm 7,36$). Acerca da escolaridade foi observado o predomínio de indivíduos com ensino superior, correspondendo a 52,9% dos participantes e seguido por indivíduos com fundamental incompleto (26,5%). Além disso, a amostra é majoritariamente composta por indivíduos que possuem Internet no *smartphone* e Wi-Fi na residência, sendo respectivamente, 85,3% e 94,1%.

Tabela 1 | Dados demográficos da amostra

Variáveis	2026 (n=34)
Sexo	n (%)
Feminino	19 (55,9)
Masculino	15 (44,1)
Idade	n (%)
60 a 64 anos	19 (55,9)
65 a 69 anos	4 (11,8)
70 a 74 anos	6 (17,6)
75 a 79 anos	2 (5,9)

80 anos ou mais	3 (8,8)
Escolaridade	n (%)
Fundamental Incompleto	9 (26,5)
Fundamental Completo	1 (2,9)
Ensino Médio Incompleto	1 (2,9)
Ensino Médio Completo	5 (14,7)
Ensino Superior	18 (52,9)
Possui Internet no smartphone	n (%)
Sim	29 (85,3)
Não	5 (14,7)
Possui Wi-Fi em casa	n (%)
Sim	32 (94,1)
Não	2 (5,9)

Nota: n - frequência. Fonte: Autoria própria.

A partir da pergunta sobre medos e dificuldades emergiram quatro categorias principais que englobam os tópicos apresentados na Figura 1: (1) ameaças e riscos no ambiente digital; (2) dificuldades operacionais no uso cotidiano; (3) dificuldades de compreensão do funcionamento da tecnologia e (4) descompasso com a evolução tecnológica.

Figura 1 | Categorias - Medos e dificuldades



Nota: O tamanho da palavra determina a frequência com que aquela categoria foi citada pelos participantes. Fonte: autoria própria.

A categoria com maior recorrência refere-se às ameaças e riscos no ambiente digital (n=26), evidenciando o medo de golpes (n=11), seguido por preocupações com hackers e clonagem (n=4), bem como a disseminação de fake news e perfis fakes (n=4), vírus (n=3), medo generalizado (n=2) e veracidade das informações (n=2). Tais achados indicam que o uso das tecnologias por pessoas com 60 anos ou mais é permeado por distintas percepções de vulnerabilidade e risco, que podem influenciar negativamente o engajamento com tecnologias. Conforme ilustrado nos relatos dos participantes P1 e P12.

“Roubo de dados, hackeamento e golpes” (P1) e “Fakes e vírus que enviam” (P12).

Na categoria de dificuldades operacionais no uso cotidiano (n=11), destacaram-se as compras *online* (n=4) e os pagamentos digitais (n=3). Ademais, foram identificadas dificuldades relacionadas à atualização de aplicativos (n=1), conexão Wi-Fi e Bluetooth (n=1), acesso a redes sociais (n=1), acesso a serviços governamentais digitais (n=1) e à não conclusão de tarefas (n=1). Essas dificuldades indicam limitações no letramento digital funcional, afetando tanto tarefas básicas quanto atividades mais complexas. Tal realidade também foi evidenciada nos relatos dos participantes P7 e P9.

“Pagamentos digitais, verificar notícias falsas, compras *online*” (P7) e
“Golpes, acessar algumas redes sociais e governamentais” (P9).

Na categoria de dificuldades de compreensão do funcionamento da tecnologia (n=9), destacaram-se a falta de conhecimento (n=3) e o medo de errar ou cometer um erro irreversível (n=3), seguidos por dificuldades relacionadas ao entendimento de processos (n=1) e de comandos funcionais (n=2), como ligar e desligar dispositivos. Esse panorama revela que, além de questões relacionadas ao letramento digital, a dimensão emocional também pode impactar negativamente o uso das tecnologias por esse público. Como relatado pelos participantes P28 e P30.

“Cometer algum erro irreversível” (P28) e “Tenho dificuldade em ligar ele, em mexer nos botões, em ligar sons, em desligar, tenho medo de errar e deixar vírus entrar no meu celular” (P30).

Na categoria descompasso com a evolução tecnológica (n=1), destacou-se a dificuldade em acompanhar as constantes transformações tecnológicas (n=1). Esta percepção pode revelar distintos desafios perante às constantes transformações no ambiente digital, que podem contribuir para sentimentos de exclusão digital. Conforme mencionado pelos participantes P14.

“Não conseguir acompanhar toda a evolução tecnológica” (P14).

Por fim, a categoria sem dificuldades (n=6), expressa por participantes que relataram não possuir dificuldades, medos ou receios durante o uso das tecnologias. A exemplo dos participantes P27 e P29.

“Nenhuma” (P27) e “Não tenho” (P29).

Além disso, foram relatadas necessidades de suporte durante o uso de tecnologias, analisadas a partir do número de menções. Observou-se que, quando há necessidade de auxílio, este é predominantemente suprido por familiares, especialmente filhos (n=17) e netos (n=12), seguidos por cônjuges (n=1) e genros (n=1). Para além do núcleo familiar, também foram mencionados amigos (n=1) e pessoas próximas no momento da necessidade (n=1). Por outro lado, houve relatos expressivos de não necessidade de auxílio para o uso das tecnologias (n=17), bem como um caso de não utilização desses recursos (n=1).

Os estudos de De Oliveira Álvaro *et al.* (2022) e Cliquet *et al.* (2023), de âmbito nacional e internacional, respectivamente, evidenciam que o uso TICs por pessoas idosas envolve percepções e dificuldades que podem impactar seu potencial de utilização desses recursos.

À luz desse cenário, observa-se que, embora os participantes apresentem elevado nível de escolaridade, como ensino superior (52,9%) e amplo acesso às tecnologias digitais, evidenciado pela presença de Wi-Fi na residência (94,1%) e de Internet no smartphone (85,3%), isso não se traduz, necessariamente, em uma utilização autônoma, crítica e segura desses recursos. Mesmo entre aqueles com maior escolaridade, persistem receios e dificuldades no uso das TICs, indicando que tais barreiras não se restringem a níveis educacionais mais baixos, mas envolvem dimensões específicas do letramento digital, como aspectos técnicos, cognitivos e emocionais. Esses achados problematizam a compreensão de inclusão digital centrada apenas no acesso, evidenciando que tais condições, embora relevantes, não são suficientes para garantir um uso qualificado.

Nesse sentido, observam-se indícios de limitações no letramento digital, expressos por dificuldades na compreensão de processos, no uso de comandos funcionais e pelo medo de errar. Dessa forma, os resultados reforçam que a formação educacional formal não garante, por si só, o desenvolvimento de competências digitais, apontando para a necessidade de compreender o letramento digital como uma habilidade específica

e multidimensional, que envolve não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões cognitivas, emocionais e contextuais.

Corroborando essa perspectiva, a análise dos dados evidenciou uma preocupação recorrente com a segurança no ambiente virtual, expressa por relatos relacionados a golpes, invasões e clonagem de dados, em coerência ao estudo de Guedes *et al.* (2023) que destaca acerca de crimes e golpes virtuais com pessoas idosas. Nesse contexto, destaca-se a centralidade de aspectos emocionais, especialmente o medo de errar, de causar danos irreversíveis e de ser vítima de fraudes, indicando que a experiência digital na velhice é atravessada por dimensões subjetivas que influenciam diretamente o engajamento com as tecnologias.

Tais percepções de risco impactam o comportamento dos participantes, especialmente no que se refere à realização de transações financeiras, como compras *online* e pagamentos digitais, que passam a ser evitadas ou realizadas com maior insegurança (Guedes *et al.*, 2023). Dessa forma, esses elementos não apenas limitam a exploração de funcionalidades mais complexas, como também contribuem para a manutenção de comportamentos resistentes e dependência de terceiros.

De forma integrada, observa-se que as categorias identificadas, embora apresentadas separadamente, se inter-relacionam. O medo de errar, associado às inseguranças e às percepções negativas no ambiente digital, configura-se como um fator limitante no uso das tecnologias de forma a impactar diretamente a autonomia, a participação social e o acesso a benefícios, como serviços de saúde digitais, incluindo cartões digitais e teleatendimento.

Nessa perspectiva, os resultados indicam que o uso das tecnologias por pessoas idosas ocorre, frequentemente, de forma mediada por redes de apoio, especialmente familiares, como filhos, netos e cônjuges, conforme também observado por Costa *et al.* (2021) e Mateus *et al.* (2024), evidenciando o caráter intergeracional da inclusão digital. Essa dinâmica revela que a inclusão digital não se dá apenas no nível individual, mas também relacional, sendo construída por meio de interações entre diferentes gerações.

Ainda que parte expressiva dos participantes relate não necessitar de auxílio para o uso das tecnologias, a dimensão emocional, expressa por receios, inseguranças e medos, pode influenciar esse uso, mesmo na ausência de uma demanda explícita por ajuda operacional.

Embora esse suporte favoreça o acesso e a resolução de demandas cotidianas, pode também limitar o desenvolvimento da autonomia digital ao manter a pessoa idosa em uma posição de dependência no uso dessas tecnologias. Adicionalmente, a presença de participantes que relataram não apresentar dificuldades indica a heterogeneidade desse grupo, reforçando a necessidade de estratégias diferenciadas que considerem distintos níveis de experiência e familiaridade com o ambiente digital.

Dessa forma, tais evidências ressaltam a importância de iniciativas de inclusão digital como estratégia para minimizar essas barreiras e promover maior participação social, ampliando também os benefícios decorrentes do uso das tecnologias por esse público como preconizado Projeto de Lei 5.763/25 que atualiza o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741/2003) e inclui o letramento digital no rol de direitos desta população (BRASIL, 2003; BRASIL, 2025).

Em conjunto, os resultados indicam que, embora as ferramentas digitais estejam presentes no cotidiano das pessoas idosas, seu uso permanece permeado por limitações operacionais, dificuldades de compreensão e percepções de risco. Assim, as dificuldades observadas estão mais associadas a dimensões de segurança, compreensão e confiança do que apenas à ausência de acesso, evidenciando que a disponibilidade de recursos, por si só, não garante uma apropriação segura e autônoma. Esses achados reforçam a necessidade de estratégias que promovam o desenvolvimento de competências, bem como a segurança e a confiança no uso dessas tecnologias, contribuindo para o Envelhecimento Saudável e Ativo.

Além disso, destaca-se a relevância de instrumentos como o *Wireless Network Proficiency Questionnaire* (WNPQ) na avaliação das múltiplas dimensões envolvidas na interação com as tecnologias, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da proficiência digital nesse contexto (Pessoa *et al.*, 2024; Roque e Boot,

2021). Em síntese, os achados indicam que a inclusão digital de pessoas idosas deve ser compreendida como um processo multidimensional, que ultrapassa o acesso e envolve a articulação entre competências técnicas, fatores emocionais e dinâmicas relacionais.

O presente estudo apresenta como principais fortalezas a abordagem da relação entre as TICs e pessoas idosas, incorporando aspectos subjetivos que influenciam o uso dessas tecnologias. Destaca-se, ainda, a utilização da metodologia qualitativa, que possibilita uma compreensão mais aprofundada das preocupações e dificuldades vivenciadas por esse público, contribuindo para a geração de insights relevantes sobre a temática.

Entretanto apresenta como limitações uma amostra majoritariamente composta por participantes com escolaridade mais elevada e acesso à recursos, realidade que não contempla a maior parte da população brasileira. Embora haja variabilidade de gênero, faixa etária e escolaridade dos participantes.

Como principais contribuições: os resultados apresentados destacam receios, medos e dificuldades durante a utilização das TICs entre usuários mais velhos. Além disso, evidenciou a importância de considerar dentro do contexto de letramento digital não apenas o acesso aos recursos digitais, mas também as esferas técnicas, cognitivas e emocionais no desenvolvimento de estratégias destinadas à melhoria da cidadania digital da população. Por fim, o estudo contribui para o campo emergente da Gerontecnologia, demonstrando outras nuances de preocupação que devem ser refletidas e fornecendo uma base para pesquisas futuras e intervenções na área.

4 Conclusões

O uso das TICs por pessoas idosas é influenciado por dificuldades operacionais, limitações de compreensão e percepções de risco. O acesso, por si só, não garante uma utilização autônoma e segura, evidenciando a necessidade de elaboração, adaptação e validação de instrumentos como o WNPQ. Reforça-se, ainda, a necessidade do desenvolvimento de estratégias de inclusão digital que ultrapassem a oferta de dispositivos e conectividade, ao incorporar dimensões técnicas, cognitivas e emocionais, considerando as especificidades desse público no planejamento dessas estratégias.

Os achados reforçam que a inclusão digital na velhice deve ser compreendida para além do acesso, exigindo abordagens que integrem dimensões técnicas, emocionais e relacionais.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo de nº 2025/14341-1. Agradecemos também os participantes do estudo.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: **Edições 70**, 2011.
- BORGES, Gabriel Corrêa; MOURA, Leides Barroso Azevedo; GOMES, Sandra Regina. Tecnologia digital da informação e comunicação na promoção do envelhecimento saudável, participativo e cidadão: um estudo qualitativo. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento (Online)**, Porto Alegre, p. 1-14, 2024.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 5.763, de 2025. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto da Pessoa Idosa), para acrescentar o direito ao letramento digital ao rol dos direitos da pessoa idosa e implementar programas de qualificação continuada. Brasília, DF: **Câmara dos Deputados**, 2025.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2003.
- CLIQUET, Lilian Ourém Batista Vieira et al. Use of smartphones by older adults: characteristics and reports of students enrolled at a University of the Third Age (U3A). **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, p. 1-30, 2023.
- COSTA, Debora Ellen Sousa et al. The Influence of Technologies on the mental health of the elderly in times of pandemic: na integrative review. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 1-12, 2021.
- DE ANDRADE, Ariel Moraes et al. Inclusão digital na terceira idade: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 3231-3243, 2020.
- DE OLIVEIRA ALVARO, Sabrina Souza et al. Navegando em ondas virtuais: barreiras e facilitadores para a inclusão digital de idosos. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 11, n. 9, p. e19111931685-e19111931685, 2022.
- Diniz, Janylle Lucas et al. Digital inclusion and Internet use among older adults in Brazil: A cross-sectional study. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], 73, e20200241, 2020.
- DOS SANTOS LOLLI, Maria Carolina Gobbi; MAIO, Eliane Rose. Uso da tecnologia para idosos: perfil, motivações, interesses e dificuldades. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 5, n. 2, 2015.
- GUEDES, Matheus Santos et al. Crimes e golpes virtuais: desafios enfrentados pelos idosos na era tecnológica. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, [S.l.], v. 21, n. 9, p. 14026–14040, 2023.
- KUMAR, Sharat et al. Sampling framework for personal interviews in qualitative research. **PalArch's Journal of Archaeology of Egypt/Egyptology**, [S.l.], v. 17, n. 7, p. 7102-7114, 2020
- MATEUS, Sara Kado; LORENZI, Lorena Jorge; CASTRO, Paula Costa. Adoção e uso de tecnologias de informação e comunicação pós-pandemia na universidade da terceira idade. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [S.l.], v. 29, 2024.
- PESSOA, Lucas Parente et al. Explorando instrumentos para avaliação do letramento digital em idosos: uma revisão de escopo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [S.l.], v. 29, 2024.
- ROQUE, Nelson A.; BOOT, Walter R. Uma nova ferramenta para avaliar a proficiência em redes sem fio de adultos mais velhos: o questionário de proficiência em redes sem fio. **Journal of Applied Gerontology**, v. 40, n. 5, p. 541-546, 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Decade of healthy aging: baseline report. Geneva, 2020.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: **Organização Pan-Americana de Saúde**, 61p., 2005.

Submissão: 03/8/2026

Aceite: 16/08/2026

Como citar o artigo:

MATEUS, Sara Kado et al. Entre o acesso e a apropriação: percepções e desafios no uso de tecnologias digitais por pessoas idosas. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 31, e 2316-2171, 2026. DOI: 10.22456/2316-2171.157238